

na pág. 32 escreveu: «*Attamen per multa petroglypha manent quibus difficilium est tempus certum stabilire*».

Certamente que o significado das numerosas estações de arte rupestre não deve ser o mesmo em todos os casos, embora em todos possa haver o mesmo fundo de religiosidade e de magia, ligado a velhos cultos de propiciação ou outros, dos quais a alma humana ainda não está de todo isenta, apesar de muitos séculos terem rolado sobre muitos dos venerandos rochedos cobertos de siglas indecifráveis, que os líquenes revestem e os musgos por vezes escondem.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Dezembro de 1979

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *
Antigo Director do Instituto de Antropologia
«Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade
Portuguesa de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

As fíbulas de prata do Museu de Chaves

No Museu Municipal de Chaves há três pedaços de fíbulas de prata (Figs. 1 e 2), sem indicação de procedência, mas que, seguramente, devem ter sido achados em qualquer dos vários castros da região de Chaves. São fíbulas castrejas tipicamente trasmontanas.

A peça maior é um arco, quase completo, quebrado no ponto onde estaria ligado à patilha da fêmea da charneira. Tem o comprimento de 25 mm e pesa 2,90 gr.

A outra peça, a mais pequena, é uma porção de outro arco de fíbula, com o comprimento de 17 mm e o peso de 1,85 gr.

A terceira peça é uma charneira com o fusilhão implantado, a rodar em torno dum eixo, em cujos extremos tem encaixadas duas cabeças esferoidais. Tem de comprimento 27 mm e pesa 2,55 gr.

A peça maior (Fig. 1, A e B e Fig. 2), é, como se disse, o arco de uma fíbula com a extremidade anterior, ou pé, simples, com o descanso do fusilhão em ampla goteira.

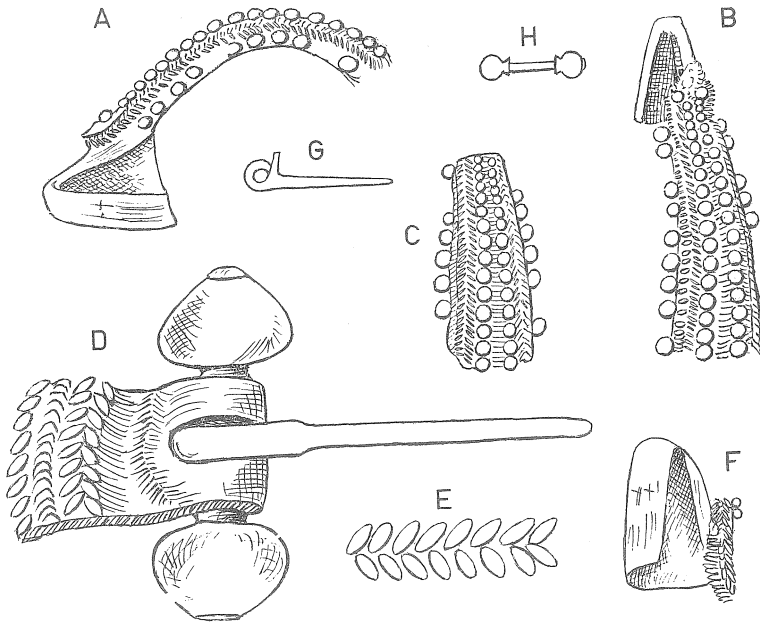


Fig. 1 — Fíbulas de prata do Museu de Chaves. A — O pedaço maior de fíbula visto de perfil. B — O mesmo visto pela crista convexa. C — Pedaço do arco de outra fíbula. D — Ampliação da charneira e fusilhão. E — Ornamentação em grainhas. F — Goteira ou descanso do alfinete ou fusilhão. G — O fusilhão em tamanho natural. H — Desenho em tamanho natural do eixo onde gira o fusilhão.

Está belamente ornamentada com granulações de prata que lhe conferem grande beleza e um notável grau de sumptuosidade.

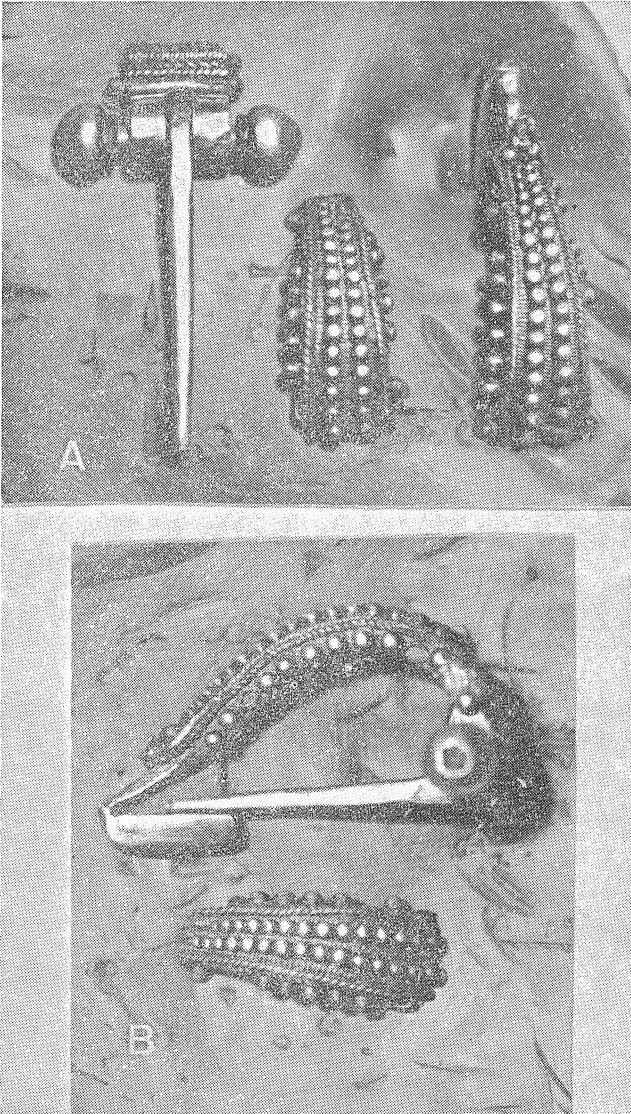


Fig. 2 — Fíbulas de prata do Museu de Chaves ornamentadas a granulado. Aumentadas ao dobro.

As granulações distribuem-se em quatro fiadas, duas marginais e duas medianas.

Ao longo do bordo esquerdo (Fig. 2) a fiada devia ser de 11 granulações; subsistem 9, pois caíram, a contar do pé, a 3.^a e a 10.^a.

Ao longo do bordo direito restam apenas 5 granulações.

Nas fiadas laterais as granulações são um pouquinho maiores do que as maiores das fiadas medianas, e são todas do mesmo tamanho.

As granulações medianas dispõem-se em duas fiadas, a um e outro lado do eixo ou crista média do arco. São em número de 32, com 16 em cada fiada, de tamanhos decrescentes, descontínuos. A fiada da esquerda (Figs. 1 e 2), tem as primeiras 8, a contar da cabeça, ou seja da zona de ligação com a patilha da charneira, sensivelmente do mesmo tamanho; a 9.^a e a 10.^a granulações são um pouco menores; as três que se seguem nitidamente mais pequenas, e as três últimas pequeníssimas, verdadeiras granulações em missanga minúscula.

A fiada mediana direita tem as primeiras 8 também sensivelmente do mesmo tamanho, depois 3 um pouco mais pequenas e, no final, 3, sendo 2 pequeninas e a do meio um pouquinho maior. Há pois uma ligeira assimetria nas granulações das duas fiadas medianas.

Entre as fiadas das granulações laterais e as medianas há um delgado cordão em trança miúda, do mesmo tipo, um pouco maior na patilha da charneira que as fotografias mostram claramente, e realcei no desenho da Fig. 1, E.

Entre as duas fiadas das granulações medianas há um delicado tracejado, que parece ter sido picotado.

A peça mais pequena é uma porção do arco de outra fíbula, a que faltam a cabeça e o pé. É também triangular e enfeitada de belas granulações de prata do mesmo tipo, e em arranjo inteiramente semelhante, ao da fíbula anterior. A similitude é tão grande que as duas fíbulas devem ter sido obra do mesmo artífice.

Infelizmente esta segunda fíbula foi quebrada nas duas extremidades, e nas fiadas laterais só restam 6 granulações de cada lado.

A separação das fiadas laterais e das medianas é feita por uma trança do mesmo tipo, para não dizer igual à que referimos na fíbula anterior. Entre as medianas corre uma fiada de singelo picotado (?), precisamente como na fíbula anterior.

A terceira porção de fíbula é a charneira, com patilha de ligação à cabeça do arco a que teria pertencido. É formada por 4 peças: a charneira com pequena porção da patilha que a ligava ao arco, pelo fusilhão ou alfinete, pelo eixo em torno do qual roda o fusilhão, e pelas duas bolas ou cabeças do eixo. Ao manusear e limpar esta peça uma das bolas ou cabeça soltou-se do eixo. Foi readaptada facilmente.

O fusilhão tem um dente ou espera (Fig. 1, G) que limita o jogo da sua rotação ascendente, de modo a não saltar facilmente da goteira do descanso.

A uma das bolas falta um pequeno crescente em coifa, que se vê na outra (Fig. 1, D).

A patilha da charneira está ornamentada com um cordão em trança, a que se segue uma fiada de pequeninos anéis justapostos, que, suponho, devem corresponder a um fio enrolado em hélice. Por fim uma fiada de grânulos elipsóides que parecem corresponder à metade de um cordão em trança (Fig. 1, D).

A linha de fractura desta patilha não ajusta às fracturas nem de um nem do outro dos arcos descritos. Isto levará a crer que se trate de pedaços de três fíbulas.

No entanto não resisti a compor a peça de fusilhão com o arco da fíbula maior (Fig. 3), indicando assim, com razoável aproximação, como seria a fíbula antes de quebrada na cabeça ao través da patilha da charneira.

Os três pedaços de fíbulas de prata do Museu de Chaves, pelos dois arcos ricamente ornamentados com fiadas de gra-

nulações esferoidais, são três peças, embora infelizmente fracturadas, de grande interesse arqueológico e artístico.

Que saibamos, as fíbulas do Museu de Chaves constituem o segundo achado de jóias de prata proto-históricas deste tipo.

A primeira fíbula de prata, proveniente de Mogadouro, foi enviada ao Museu Etnológico Português, pelo Capitão Celestino Beça, nos primeiros anos deste século.

O Prof. Leite de Vasconcelos, então Director do referido Museu, forneceu a José Fortes dois desenhos, um de perfil e outro em projecção ortogonal, da fíbula mogadourense. Este distinto arqueólogo, sem ter visto a peça, publicou em «O Archeologo Português», Vol. ix, n.º 102, Lisboa, 1904, no artigo *Fíbulas e fivelas* a nota «Fíbula romana-Mogadouro» em que, nas págs, 1 a 3, estuda, sumariamente, esta fíbula de prata.

Trata-se de uma fíbula *ad arco simplice* com o pé curto, finalizando em botão terminal suavemente cónico, pendente do pé, e com descanso em goteira para a ponta do fusilhão. A ornamentação é simples e reduzida, apenas a «um cordão gravado, a acentuar a aresta dos dois planos do extradorso; e, perpendicularmente outro, já próximo da cabeça da fíbula. José Fortes considera-a peça de importação e «um produto puro de joalheria romana, sem indício de degeneração», e subsequente à invasão romana. O mesmo autor, na pág. 3, a propósito da vaga cronologia atribuível à fíbula, diz que uma maior precisão cronológica «poderá decorrer do aspecto dos objectos de prata encontrados no mesmo depósito arqueológico, segundo o informe do Dr. Leite de Vasconcelos».

Parece pois que a fíbula de Mogadouro proveio de um tesouro, de que faziam parte outros objectos de prata.

As fíbulas do Museu de Chaves são peças ricamente ornamentadas no dorso do arco por fiadas de granulações e delicado cordão, em trança, entre as fiadas do perlado das esférulas de prata. São verdadeiras jóias.

O descanso da ponta do fusilhão é em goteira com abertura lateral, e tem gravadas duas pequenas cruces e alguns riscos (Fig. 1, F).

A charneira é curta e bipartida, onde passa o eixo, em volta do qual roda o *macho* ou a cabeça do alfinete ou fusilhão, que tem na cabeça um dente ou espera (Fig. 1, G) que não deixa, com facilidade, levantar da goteira a sua ponta, onde esta se apoia quando se prende a fíbula, que é bem característica do tipo 7.º que José Fortes definiu com precisão no seu trabalho, *As fíbulas do Noroeste da Península*, publicado na «Portugalia», T. II, Porto, 1905-1908, págs. 15 a 33, 38 Figs.

Este tipo, segundo José Fortes, «aparece nas cidades e castros romanizados, como Briteiros e outras estações lusitano-romanas, como a de Pedrulha».

As fíbulas de prata do Museu de Chaves são, sem a menor dúvida, belas jóias arcaicas, ricamente ornamentadas, o que lhes confere posição de realce na nossa joalheria proto-histórica.

Nos três pedaços de fíbulas que acabamos de descrever realça a ornamentação por granulações esferoidais.

O *granulado* de ouro ou de prata, composto por esférulas, é uma das mais finas ornamentações das jóias arcaicas, e consiste na aplicação por soldadura de pequenos grânulos, alguns pequeníssimos, a revestir superfícies, ou, postos em fiadas, a formar desenhos lineares.

Este granulado de jóias antigas tem sido o desespero dos ourives modernos, em tentativas falhadas para obterem as esférulas e conseguirem soldá-las.

A técnica que permitia obter o finíssimo granulado e sua soldadura permanece como um segredo dos antigos aurífices.

A decoração a granulado tanto aparece em jóias de procedência peninsular como em jóias importadas de povos que bordejavam a concha mediterrânica, entre os quais avultam os Etruscos.

O Prof. Garcia e Bellido, eminente arqueólogo espanhol, que foi Professor de Arqueologia da Universidade de Madrid, na sua obra monumental *Arte Romana*, Madrid, 1955, págs. 70 e 71 escreveu:

«Os Etruscos atingiram na laboração do ouro um extraordinário poder de execução, um virtuosismo técnico admirável, superior inclusivamente ao dos ourives gregos. Foram de três espécies os seus recursos técnicos: o *granulado*, a *filigrana* e o *estampado*». E a seguir: «o granulado constituiu uma técnica cujo segredo ainda até hoje não foi desvendado, e na qual os Etruscos alcançaram uma perfeição tal, especialmente na Vetulónia, que o processo chegou a converter-se numa verdadeira pulverização do ouro».

José Fortes no seu trabalho cit. sobre a *Fíbula romana de Mogadouro*, na pág. 1 diz que aquela fíbula veio «confirmar o facto já vislumbrado de que a região trasmontana foi em tempos antepassados o centro de uma população magnificente, com manifesta predilecção pelos enfeites artísticos e caros».

O parecer de José Fortes foi justo e tem sido confirmado por achados posteriores.

Basta referir neste particular ao lado das belas fíbulas de prata do Museu de Chaves o belíssimo torques de ouro de Vila Flor, que é, sem contestação, a mais bela, e artisticamente a mais rica, das jóias arcaicas até à data conhecidas no nosso país. Este belo torques estudámo-lo de colaboração com o Dr. Osvaldo Freire, no trabalho *O torques de Vilas Boas (Vila Flor)*, in «Revista de Guimarães», Barcelos, 1965, fascs. 1-4, Vol. LXXV, 14 págs. e 4 Figs.

A Arqueologia mostra-nos que Trás-os-Montes foi, no passado, centro de notáveis manifestações artísticas, como, além de outros documentos, atestam as fíbulas e o torques referidos, peças, sem a menor dúvida de requintada beleza.

Mas Trás-os-Montes também revela arcaicas manifestações de ordem espiritual, como se julga ser demonstração cabal o grande número de estátuas de pedra representando porcos,

javalis, touros, um bode e um urso, animais sagrados, a que se prestava culto, e, por isso, venerados como deuses tutelares.

No meu trabalho *A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. 22, fasc. 4, Porto 1975, págs. 353-515, 31 desenhos, LII Est. fotogr. 32-131, estudamos um total de 49 berrões. Depois, no trabalho *Novos elementos da remota zoolaria em Trás-os-Montes*, in id. id., Vol. 23, fasc. 1, Porto 1977, estudei mais 5.

Tantos berrões, dos quais 48 em Trás-os-Montes, levaram-me a formular a hipótese de se poder considerar a «Cultura dos Berrões» como uma manifestação espiritual de veneração zoolátrica, com remotas e fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos, e, muito possivelmente, atribuível à tribo pré-céltica dos Draganos.

Verifica-se pois que Trás-os-Montes tem uma proto-história rica de manifestações artísticas e espirituais, a reflectir um conjunto de excelsas virtualidades que fazem daquela província uma quina sagrada do nosso querido Portugal.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Janeiro de 1979

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Antigo Director do Instituto de Antropologia
«Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade
Portuguesa de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

28.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1979

O subsídio concedido pela Direcção-Geral do Ensino Superior à nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia para trabalhos de Antropologia e Etnografia, permitiu prosseguir no estudo e valorização do Castro de Carvalhelhos em mais uma campanha de escavações.